O ANO 1000

Mil anos nos separam dos homens e mulheres que viveram no período de trevas da Idade Média. No entanto, graças à natureza regressiva e prospectiva do tempo, podemos partilhar com eles algumas de nossas crenças pretensamente inéditas

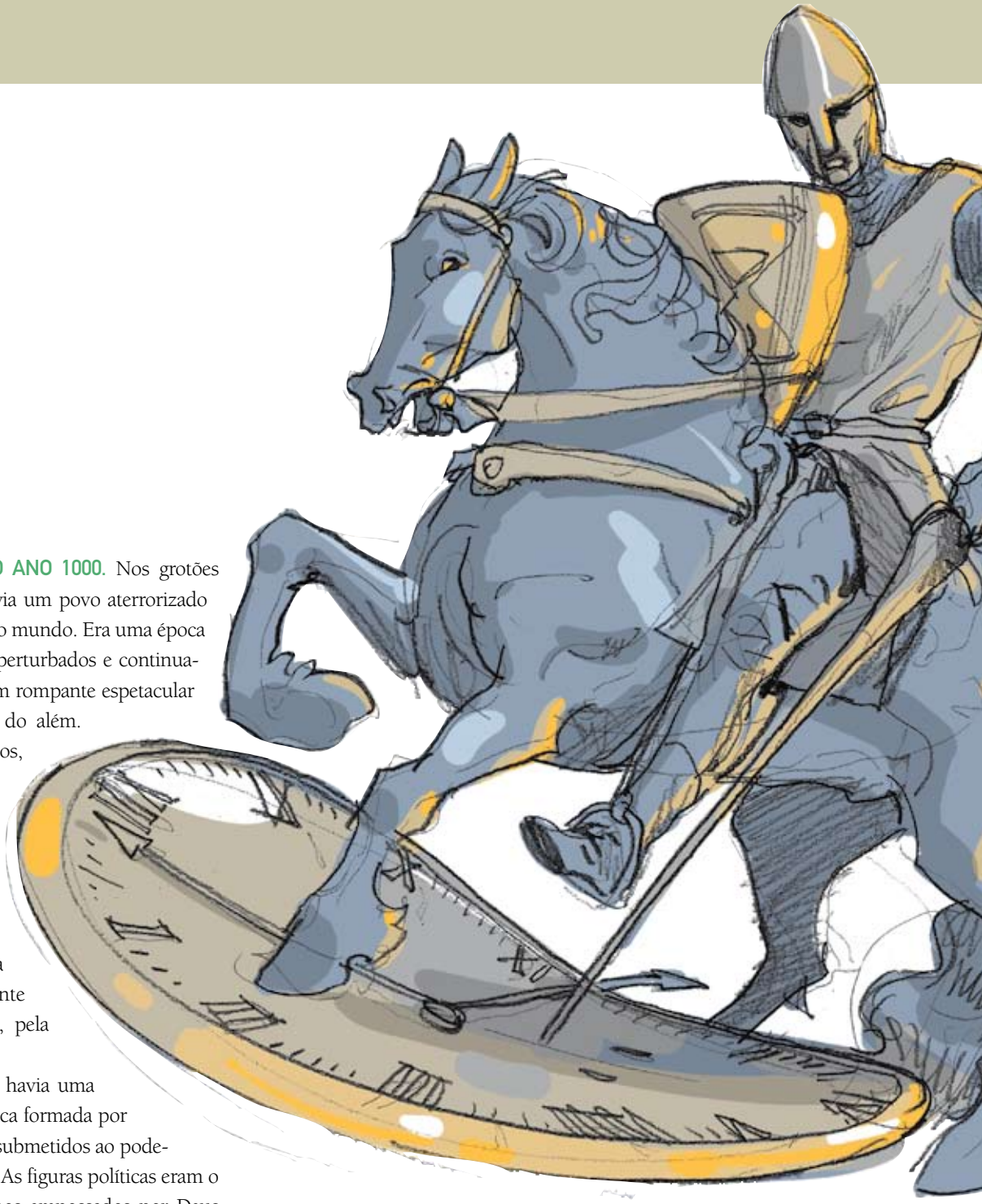
POR PEDRO F. BENDASSOLLI

Marx certa vez disse que o tempo se repete como farsa. Um acontecimento que supomos inédito e excepcional revela-se, no fundo, como continuidade, repetição, transformação ou prolongamento de acontecimentos passados. Quer dizer, o que chamamos de "novo" contém, em si mesmo, os vestígios do que o precedeu.

Freqüentemente estamos muito autocentrados na redoma cultural de nossa época para percebermos que não somos tão inéditos e autênticos quanto julgamos. Quando ouvimos, e acreditamos, que vivemos em uma época "de mudanças sem precedentes", ou então em uma "época de transições e de rupturas inigualáveis", normalmente fazemos vista grossa ao longo campo da história.

Se ampliássemos as perspectivas, saberíamos que, por exemplo, logo nos primórdios da Revolução Industrial e do processo de acumulação primitiva do capital, também se dizia às pessoas que elas estavam prestes a presenciar "mudanças sem precedentes" que abalariam as tradições e as premissas mais arraigadas.

Portanto, o tempo possui algo de regressivo ou cíclico, o que obviamente não quer dizer que não ocorram mudanças, rupturas. Significa apenas que essas mudanças, para ocorrer, não partem do zero, de um vácuo cultural. O livro escrito pelo renomado historiador francês Georges Duby e intitulado *O ano 1000* ilustra de modo enfático e quase alegórico esse ponto. A obra é resultado de uma dedicada pesquisa do autor a partir dos poucos registros escritos em latim no período, a maioria de autoria eclesiástica. Destacamos, neste texto, alguns *insights* desse livro, na esperança de contrastar algumas crenças distanciadas e transmutadas pelo tempo a algumas de nossas próprias crenças contemporâneas.



CIRCUNSCREVENDO O ANO 1000. Nos grotões medievais europeus, vivia um povo aterrorizado pela iminência do fim do mundo. Era uma época confusa, com espíritos perturbados e continuamente à espera de algum rompante espetacular e extraordinário vindo do além. Em termos demográficos, compunham um pequeno número de homens que viviam às voltas com a natureza e seus eventos violentos, providos de uma tecnologia de sobrevivência mínima, freqüentemente assolados pela penúria, pela doença e pela fome.

Em termos sociais, havia uma forte estrutura hierárquica formada por escravos e camponeses submetidos ao poderio de algumas famílias. As figuras políticas eram o rei e o imperador, ambos empossados por Deus como seu representante terreno. Geograficamente, circunscreviam-se no território que hoje é a França, parte da Alemanha, Inglaterra e Irlanda.

Para os homens do ano 1000, a vida cotidiana parecia importar pouco. Na verdade, Duby destaca não haver registros de grandes acontecimentos reais no período. Os poucos registros escritos não são conclusivos. Em contrapartida, seu principal valor histórico reside na contribuição às mentalidades e às representações coletivas, que, pelo seu caráter totalitário, engolfavam o modo de ser e de viver das pessoas.

Tal mentalidade coletiva girava em torno da idéia do Juízo Final. De acordo com as escrituras, sobretudo o livro do Apocalipse de João, o próprio Jesus, no final do milênio, chegaria em seu cavalo branco armado com a espada vingadora para o acerto final de contas. Não bastasse isso, o mesmo Apocalipse também previa a libertação do Demônio após os mil anos. Mas, enquanto o Juízo Final não ocorria, as pessoas colocavam-se em clima de espera.

ILUSTRAÇÃO: RODRIGO LEÃO

À espera, elas ficavam atentas aos sinais e presságios de ordem espiritual, praticamente os únicos aos quais eram sensíveis. Entre esses sinais estavam a passagem de cometas, tremores de terra e eclipses. Assim escreve Sigeberto de Bembloux: "Viram-se nesta época muitos prodígios, um terrível tremor de terra, um cometa de rasto fulgurante; a irrupção luminosa invadiu o interior das casas e, através de uma fratura do céu, apareceu a imagem de uma serpente".

Todas essas manifestações eram unificadas pelo mesmo princípio: de que a ordem do universo estava agitada por perturbações prodigiosas portadoras de alguma mensagem. Os fiéis deveriam ver nelas manifestações que emanavam do próprio divino. Porém, a cada acontecimento, o medo propagava-se em ondas. Por exemplo, uma tempestade violenta ou a notícia da destruição do Santo Sepulcro, ambas em 909, já eram suficientes para causar turbulência na massa. Tudo era indício da catástrofe.

EXCLUSÕES E PENITÊNCIAS. Nessa época difunde-se na Igreja o uso da excomunhão e do interdito, cujo propósito era isolar os membros atingidos pelo mal a fim de que não contaminassem os outros. Também foi uma época, escreve Duby, iluminada pelo fogo das fogueiras, nas quais eram sacrificados ("purificados") os hereges e as "feiticeiras".

As penitências envolviam formas variadas de mortificações corporais, tais como jejuns e austeridade sexual. Sobretudo os monges enveredavam-se nesse caminho, figurando como exemplos de penitentes a serem seguidos. Outras formas de penitência incluíam a peregrinação a túmulos, abadias e locais sagrados, tais como Jerusalém. Inclusive, para os prelados da época, havia uma relação estreita entre as peregrinações e a aproximação do fim dos tempos. Na prática, essas peregrinações envolviam elevados riscos, pois as pessoas deixavam suas casas e se punham a caminho sujeitando-se a todo tipo de intempérie.

TEMPO E MENTALIDADE COLETIVA. O mais impressionante nos relatos dos fragmentos dos religiosos do ano 1000 é o notável contraste com fatos "reais". Duby menciona que, ao se examinarem escritos históricos, o ano 1000 passa desapercebido – simplesmente como mais um na história. Há, em verdade, um grande silêncio, conclui o autor, sobre o milésimo ano da encarnação de Cristo.

Contudo, relatos posteriores, mesmo que mais "confiáveis", não apagam a intensidade dos fenômenos coletivos de pânico supostamente vivenciados naquele período da história ocidental. Em primeiro lugar, pois tais relatos foram escritos posteriormente no tempo; logo, neutros ao "humor" cultural de então. Em segundo lugar, como é bem sabido agora que o "mundo" não acabou no ano 1000, pode-se então julgar como infundadas e mesmo insanas as crenças dos homens que viveram naquela época. Ou se pode racionalizar a questão e dizer que se tratava de crenças exclusivas de uma pequena elite eclesiástica interessada na manipulação social de uma turbe despossuída e sugestionável.

O livro de Duby é uma oportunidade interessante para entendermos as atitudes mentais de uma época e sua colocação em perspectiva no tempo. A escolha do ano 1000 não foi fortuita: trata-se da

primeira versão do "pensamento milenarista", segundo o qual, sempre ao final de um milênio, deve-se esperar por grandes catástrofes ou rupturas. Aliás, como aconteceu na virada do ano 2000, quando não só seitas fundamentalistas mas também parcelas da população acreditavam estar à beira do perigo ou do caos – como aconteceu com a possibilidade do "*bug*" do milênio, por exemplo.

Adicionalmente, o ano 1000 pode ser visto como a antítese do Renascimento, quando as "luzes" dissipam as trevas da ignorância e das mirabolâncias da Igreja e inauguram uma nova forma de entender o mundo, as relações humanas e a própria história. Por exemplo, para o cristianismo a história possui uma orientação e o mundo possui uma idade: foi criado por Deus em um dado momento e será novamente por ele, em um outro momento, recuperado. Hoje sabemos que a história é um processo aberto, às vezes até mesmo errático. Mesmo assim, e aqui reside o essencial, o ano 1000 não morreu inteiramente na longa tradição do Ocidente, e isso nos remete à idéia central que procuramos demonstrar, de que nossas próprias crenças não são peças construídas no vácuo.

RESQUÍCIOS DO PASSADO. O próprio Duby lançou mais recentemente um livro no qual compara, de forma livre, o ano 1000 ao ano 2000 (publicado no Brasil pela Unesp). O autor não afirma que nossas crenças, principalmente nossos medos, de hoje são continuidades, puras e simples, daqueles medos vivenciados pelo homem do ano 1000. Entretanto, a leitura deste seu último livro nos permite concluir que há pontos de aproximação, similaridades e também pontos de distanciamento de nossas sociedades atuais em relação àquele período. Em particular, ainda vivemos questões mal resolvidas, que se estendem desde o passado.

Alguns exemplos são muito ilustrativos. O mais óbvio é a permanência do pensamento religioso em nossas sociedades. O milênio que presenciou a ascensão e prestígio da ciência também assistiu ao recrudescimento de guerras religiosas. Ademais, o pensamento religioso permanece como um recurso importante na explicação da própria existência para muitas pessoas diante de um destino secularizado.

No campo da Administração, vivemos sob a influência de "novos profetas", que põem medo a uma massa de pessoas cujas carreiras muitas vezes são uma nuvem de fumaça. Como os clérigos do ano 1000, muitos desses novos profetas ganham a vida primeiro criando cenários catastróficos e escatológicos e depois vendendo soluções para o mal que eles próprios ajudaram criar.

Por fim, a Igreja foi parcialmente substituída hoje pelas empresas, que também possuem seus "apocalipses" racionais e laicos. Guardadas as devidas e pertinentes proporções, não seria cabível imaginar que, diante da permanente ameaça de demissão, de rebaixamento de salário e de todo tipo de "corte" ou cerceamento simbólico praticado pelas empresas, nossos contemporâneos não se sintam um pouco como o homem do ano 1000, sempre a postos para não ser pegos de surpresa pelo Juiz do Evento Final? Por tudo isso, podemos pensar que o tempo é um verdadeiro baú de tesouros arquetípicos. ✖

Pedro F. Bendassolli Professor da FGV-EAESP, pedro.bendassolli@fgv.br